

Boletim do Grupo de Negr@s da
EST/IECLB
Vol. 02, n. 01, janeiro-abril/2001
Apoio: Federação Luterana Mundial
Periodicidade: quadrimestral
Tiragem: 2.000 exemplares

Revisão: **Ricardo Brasil Charão**
(rcharao@bol.com.br)
Programação Visual: **Jaqueline Oliveira**
(jackieo@terra.com.br)

Responsáveis editoriais:
Peter Theodore Nash, Ph.D.
Ricardo Brasil Charão

Endereço para contato:
Boletim Identidade
Escola Superior de Teologia
caixa postal 14 - 93001-970
São Leopoldo - RS

E-mail: **identidade@est.com.br**
Sites: **www.est.com.br**
http://planeta.terra.com.br/servi
cos/jackieo/identidade/

Obs.: É de total responsabilidade dos
autores os conteúdos e textos por eles
escritos. Imagens selecionadas em sites da
Internet.



Está chegando a suas mãos, mais um número do nosso Boletim Identidade! Este é primeiro número do ano de 2001, o primeiro do novo milênio. Este, também é o número que antecede a realização de nosso simpósio: "*Abrindo as portas da igreja - Afro-brasileiros luteranos: sonho ou possibilidade?*" Grandes esforços foram por nós empreendidos para que este importante momento de reflexão pudesse se realizar. Sendo assim, sintase convidad@ a pensar juntamente conosco a relação entre cristianismo, Bíblia, luteranismo, cultura e etnia. Você pode fazer isto participando do Simpósio, assim como através da leitura deste Boletim. Este número, de conteúdo teológico provocativo, apresenta três trabalhos, todos eles dedicados à hermenêutica bíblica negra. Esperamos que você se sinta provocad@, a partir destes textos, a pensar as origens africanas do judaísmo e do cristianismo. Se você quiser reagir, entre em contato conosco. Nosso grupo está de "portas abertas" para você. Neste mês em que celebramos a Páscoa, a ressurreição de Jesus Cristo. Desejamos a você uma boa leitura. Axé!

Ricardo Brasil Charão - resp. editorial

Lembrança - Martin Luther King

No mês de abril lembramos dos 33 anos de sua morte. Este importante teólogo e defensor dos direitos civis dos negros norte-americanos foi assassinado no dia 4 de abril de 1968.



1) *Negritude antiga e negros modernos ou quem é negro?*

Um desafio para quem estuda os textos antigos é conseguir localizar-se na espiral ou no círculo hermenêutico, sem inserir os pressupostos modernos no mundo antigo. Um exemplo disso é o problema que vários pesquisadores têm com a questão da presença negra no AT. Existem vários exemplos nos quais o racismo moderno foi imposto aos textos antigos. Também é importante lembrar que as categorias modernas não necessariamente significavam as mesmas coisas que elas indicam hoje. Na questão de raça, Frank Snowden, nos seus livros *Blacks in Antiquity* e *Before Color Prejudice*, entre outros, ilustra muito bem que era a cidadania e não a cor da pele a base de qualquer hierarquia social. Esta diferença diacrônica é importante, mas também é necessário estar consciente das diferenças sincrônicas. Quem é negro nos EUA, pode não ser negro no Brasil ou na África do Sul, ou no Zimbábue. Então, neste artigo, vou tratar dos negros a partir do meu contexto norte americano. Isto é, quem tem qualquer raiz africana é negro ou negra. Você pergunta porquê? Faço isto para deixar bem claro o meu contexto de referência e porquê o que estou procurando neste ensaio é uma base a partir da qual possa falar sobre as raízes africanas do AT.

2) *Genealógicamente*

O jeito mais fácil de falar em negritude na Bíblia é a partir da genealogia. Existem várias referências no AT às origens estrangeiras de uma personagem ou outra na história israelita, o povo santo. Frequentemente se comete o erro de imaginar que o povo santo era um povo de uma raça/etnia só. Com certeza, o mito de origem mais citado é de uma família com um pai comum e várias mães.

Historicamente, o que fez o povo santo não foi a ligação sanguínea, mas a fé compartilhada num Deus supremo que entra ao seu lado e uma união geopolítica. Israel nunca fora, em nenhum momento, uma união exclusivamente familiar. O ponto que confunde está baseado numa ligação falsa entre a estrutura privada e a estrutura pública. É claro que a grande maioria das histórias mostra uma ligação familiar, baseada numa conexão epônoma com o "pai" Israel, mas a verdade é que também há muitas histórias-chaves que exibem a integração dos estrangeiros e das estrangeiras na família sagrada. Uma história bem conhecida é o casamento de José com Asenete, a filha de Potifera, um sacerdote egípcio. Estes dois filhos, Efraim e Manasses, produtos de uma união entre um filho de Israel e uma egípcia, se integraram às tribos de Israel sem qualquer problema. Outra maneira de demonstrar isso, seria através dos filhos africanos de José. Estes foram aceitos dentro da família sem receio algum. O texto não recua ao falar neles como Israelitas. Eles foram



Madonna negra

totalmente integrados como descendentes de Israel. Um outro exemplo deste fenômeno é mais especulativo. Envolve o casamento de Moisés com a etíope. Não há consenso entre os pesquisadores e as pesquisadoras sobre a pergunta se esta mulher do líder durante o Êxodo era 1) a primeira ou 2) a segunda mulher dele ou 3) se ele só tinha uma mulher que alternativamente é designada como midianita e etíope. Do meu ponto de vista, não existe como resolver esta questão. Mas isto não impede o uso da imaginação. Se esta etíope, em Números, for a primeira mulher de Moisés, quero dizer, a mulher com quem ele casou-se antes de fugir para o deserto, pode ser que este casamento tenha gerado filhos. Se ela é mencionada num texto que está situado durante o Êxodo, é lógico entender que se existiram filhos, eles também se integraram às tribos. Neste caso, na tribo de Levi, a tribo sacerdotal. Pela mesma lógica, se ela for a segunda mulher de Moisés, também é bem possível que eles tenham gerado filhos, os quais assumiram seu lugar na família Levitical. Finalmente, existe a possibilidade de que Zípora e a etíope sem nome sejam a mesma mulher. Existe uma linha de pensamento que reconhece a influência e o domínio da Etiópia nos dois lados do Mar Vermelho. Esta linha possibilita a conclusão de que os midianitas foram vassallos das dinastias etíopes.

Pressupondo que esta possibilidade seja plausível, existe a possibilidade de que os filhos de Moisés mencionados na Bíblia sejam metade etíope. Isto admitiria mais algumas pessoas negras numa outra tribo israelita.

3) Geograficamente

Também é necessário falar em negritude no AT em termos de geografia. Um dos maiores impedimentos para boa leitura do AT é a falta de reconhecimento da área na qual as histórias se encontram. Um dos fundamentos desta barreira é a europeização do Egito e seus vizinhos. Martin Bernal, autor de *Black Athena: the afro-asiatic roots of classical civilization* já ilustrou como se lê, inconscientemente, ou inventa um mundo mediterrâneo nos lugares nos quais devemos ou podemos ler e resgatar um mundo afro-asiático. Quero dizer que o mundo da maior parte do AT e suas histórias era um mundo que antecipava as culturas européias que se desenvolveram nos séculos posteriores. Os povos do Egito e Cuch (Etiópia), juntamente com as sabedorias dos mesopotâmicos, educaram os gregos e os romanos nas artes, esporte, matemática, astronomia e outras ciências. Os gregos reconheceram isso. Hoje está esquecido. Dê uma olhada na sua Bíblia. Ela tem um mapa? Boa parte dos mapas nas Bíblias

mostra um Egito desconectado do restante da África. Mas os egípcios foram africanos, e africanos negros. Nas próprias representações dos egípcios, eles se mostram com pele morena e até negra. A 25ª dinastia é bem conhecida como a dinastia nubiana ou cuchita, mas ela não foi a única que teve faraós negros e rainhas negras.



Ressurreição de Lázaro. Henry O. Tanner

Então, um primeiro passo para entender como a localização geográfica pode indicar a negritude do AT, é entender que Egito era e é um país Africano e negro. Isto quer dizer que quase metade da existência do povo santo, que tem como história ou mito de origens uma imagem de família, está localizada na África. O melhor exemplo disso é o fato de que, apesar de ser reportado que Abrão teve raízes genéticas na Mesopotâmia, ele reconhece raízes culturais e econômicas ali no Egito. Uma ilustração disso, é a repetição de que várias pessoas compartilham a vida egípcia. Quando entraram em crise, desceram para o Egito, não voltaram para Ur. E, durante todo tempo da existência do Reino do Sul, a principal influência política nas vidas hebréias, judaitas ou israelitas foi sempre o Egito. Com isto quero dizer que a cultura que moldou a cultura israelita foi uma cultura africana. Apesar de vários textos bíblicos fazerem questão de mostrar as distinções entre a cultura israelita e a cultura dominante, a evidência arqueológica e as evidências entre linhas demonstram muitas ligações entre Israel e Egito. O Egito tocava a música, Israel dançava.

4) Mitologicamente

Um mito é uma história que demonstra como um povo explica sua condição no mundo. Normalmente, não é uma história de fato, mas também não é uma coisa inventada do nada. O mito da identidade de um povo ou de um grupo são lembranças fortes, são lembranças fantásticas que ilustram, por exemplo, como Deus resgatou este povo quando estava em apuros. Em certo sentido, o mito é a memória comunitária. A questão é: "Quais são as verdades que um mito pode nos revelar?" Várias vezes, a resposta depende da metodologia de pesquisa. Um olhar antropológico verá respostas diferentes de um olhar lingüístico. Não há uma resposta fixa; é uma questão de bom senso e

equilíbrio entre as leituras possíveis. Por exemplo: é possível entender, a partir do segundo relato da criação em Gênesis 2.4bss, que o ser humano feito de argila foi negro? Ou podemos dizer pelo menos que ele não foi branco? Se o ser humano foi percebido como sendo formado da terra, deveria ser entendido que ele terá a cor de pele mais ou menos nos tons da cor da terra. E o que podemos fazer com a palavra hebraica *àdamâ* que certamente está ligada com a palavra *èdôm*, que é freqüentemente traduzida por vermelho ou avermelhado. Sem resolver a questão da cor da pele do primeiro ser humano ou extrair percepções culturais dos textos mitológicos, avanço para questão da percepção dos autores israelitas sobre as etnias circundantes. Os mitos das origens dos israelitas se concentram nos primeiros 11 capítulos de Gênesis. No fim da história do dilúvio, encontramos somente 4 homens na planeta terra: Noé, seus três filhos e suas respectivas mulheres. Três casais vão dar à luz a todos os seres humanos conhecidos nos tempos dos autores javista-elohista (10° 9° séculos) e sacerdotais (5° século a.C.). O mito que eles usaram reconheceu uma irmandade entre todos os seres humanos. Também reconheceu algumas diferenças entre os povos e culturas. Na verdade, parece que eles reconheceram 3 grandes grupos "raciais" que os primeiros antropólogos adotaram: asiático, africano e europeu. Lendo o texto, logo percebemos que Shem (aquele com nome?) é nosso povo, Xam (o queimado?) é o pai dos africanos e dos cananeus, e Jafé é o pai dos europeus. Interessante, é que os últimos quase não entram na história veterotestamentária. Agora, há a necessidade de ler estes textos com olhos modernos, mas de uma forma que tenha ligação com os olhos antigos. Os filhos de Shem e Xam estavam em contato constante, percorrendo o mundo do AT. A arqueologia demonstra que as semelhanças nas culturas físicas quase impossibilitam uma distinção entre um sítio cananeu e um

sítio israelita. Já foi discutida a influência dos egípcios na vida e cultura israelita. Além disto, em várias ocasiões a história revela que os próprios líderes se casaram com mulheres cananéias. Quero dizer que temos exemplos de líderes israelitas se juntando com descendentes dos africanos. Cito como um exemplo o caso de Judá. Em Gênesis 38, após o abuso de José nas mãos dos irmãos invejosos, Judá separou-se dos irmãos e conviveu com os cananeus na região de Odolam. As circunstâncias da história são peculiares, mas ficou claro que ele casou com uma mulher da região, e eles geraram três filhos. Os primeiros dois filhos casaram-se, em seqüência, com uma mulher de nome Tamar. Não temos nenhuma menção de que o primeiro filho, infeliz tenha voltado para os familiares para unir-se com uma prima. Daí, é justo pressupor que ele, assim como seu pai, casou-se com uma nativa da região. Quando Her, o irmão mais velho e primeiro marido da Tamar, faleceu, o segundo irmão, Onã, tomou sua cunhada. Ele abusou dela e faleceu. Anos depois, o próprio Judá teve relações com sua nora. Finalmente foram gerados filhos gêmeos que preservaram a linhagem familiar de Judá. Quero dizer com

isto, que é através de uma cananéia abusada e ousada que a tribo de Judá manteve-se viva. Mais explicitamente, uma mulher negra preservou o povo de Judá.

5) Teologicamente

Vou resumir esta linha de argumentação e dirijo os/as leitores ao trabalho do teólogo norte americano James Cone (*God of the Oppressed/Deus dos Oprimidos*). Cone, que se alimentou com refeições intelectuais de Paul Tillich e Karl Barth, além de outros gigantes da tradição norte-atlântica, equilibrado pelas tradições da Igreja Metodista Africana e pelas leituras revolucionárias da década de sessenta, desenvolveu um linha de pensamento bem paralela a da Teologia da Cruz. Embarcando no livro do Êxodo, a teologia de Cone achou um jeito de juntar todos os oprimidos do mundo sob a bandeira da negritude. Para James Cone, ser oprimido foi o mesmo que ser Negro. Foi um passo necessário naquele tempo. Concorro teologicamente com o Dr. Cone, mas acho que uma leitura teológica de raça tem seus problemas. Como eu trabalho com a Bíblia e a história, vou deixar esta discussão por os teólogos e as teólogas sistemáticos.

6) Conclusão

É possível e necessário sistematizar os jeitos de pensar as raízes africanas dos povos do AT. Temos meios genealógicos, geográficos, mitológicos ou teológicos. Esses meios são ferramentas a mais na oficina da pessoa tentando ver o mundo veterotesamentário na sua plenitude.



Batismo - "I Baptize Thee", William H. Johnson

*Sou negra e linda
Ô "big" loiras de Salvador
Como a madeira de Ébano
Eu sou da Núbia, filha de Iémánjá.
Não reparem porque sou morena:
Foi o sol que me queimou.
Os filhos da Mãe-Terra
Se rebelaram contra mim
Me escravizaram e me obrigaram
A guardar os cafezais, e meu cafezal, o meu
Eu não o pude guardar.*

Sou feliz de poder trazer a minha contribuição a este boletim de construção da nossa identidade. As motivações são muitas. A mais importante é essa: como africano e missionário quero me sentir *solidário* com o meu povo, seja os remanescentes na Terra-Mãe, seja os exilados da diáspora das Américas. Escolhi o trecho do livro dos Cantares por causa das intuições teológicas que contém. Ademais, este livro se relaciona mais com as realidades culturais, sociais e históricas da comunidade afro na América Latina e, de maneira particular, no Brasil. O Ct 1.5-6 tem muito a ensinar às comunidades negras.

1) Gênero literário

Os Cantares fazem parte dos livros chamados sapienciais. É uma obra montada numa linguagem poética. Sabemos que o Cântico dos Cânticos é a voz das mulheres que querem resgatar as realidades importantes (não temas) do corpo, da sexualidade, do amor e da liberdade ao fazer e viver a teologia no ambiente predominantemente patriarcal.

2) Contexto histórico

A mesma coisa, pode se dizer do *contexto histórico* deste poema. A Sulamita, é uma moça camponesa. Como todo camponês de então, vive a exploração de todo parte. Tem

que trabalhar duro para pagar os tributos ao governo persa (450/400 a.C.). Em casa, vive o peso do patriarcalismo. É forçada a guardar a vinha à custo de não cuidar dela (1.6). Os seus irmãos pretendem casá-la cedo, sem esperar a maturidade para aproveitar do lucro (8.8-9). Por ser diferente física e socialmente, vive o preconceito da parte das filhas de Jerusalém (1.5). Todo este sistema é justificado pela teologia sacerdotal-retributiva. O Templo é o instrumento de controle do corpo da mulher (Sir 25.26). A lei do Rei é a lei de Deus (Esd 7.25-26). A lei da raça pura, de puro e impuro é a referência de exploração das mulheres judias e da expulsão das estrangeiras e suas crianças (Esd 9.10).

3) O Ct 1.5-6 e a realidade afro-brasileira hoje

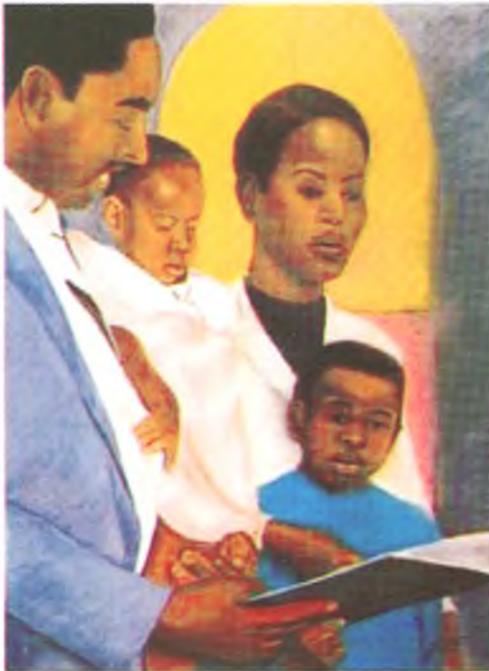
A pergunta hermenêutica é: como a comunidade afro pode se apropriar desse poema? Muitos são os caminhos de apropriação. Para nós, portanto, o critério básico é o resgate da **identidade negra**. Os critérios mais fundantes nos parecem a identidade cultural e a identidade sócio-cultural. A nossa reflexão se inspira no nosso poema. Esta é uma leitura de Ct 1.5-6 na perspectiva da teologia afro-americana (o paradigma de gênero).

Identidade cultural - Como gênero literário, os Cânticos são um convite à teologia afro-brasileira a valorizar a sua linguagem poética, sobretudo, na perspectiva da mulher negra. As culturas africanas e afros até hoje permanecem culturas marcadas pela oralidade. Aqui o corpo, a dança, o ritmo, o atabaque têm grande relevância. Dentro disso o papel da mulher negra é decisivo. Mas muitas vezes passa escondido. É preciso que as comunidades afro-americanas façam promover as produções culturais das

mulheres negras, começando da roça até as grandes cidades.

Identidade sócio-histórica - Pensar a teologia afro na perspectiva da mulher negra, não é só questão do sexo ou da raça. É questão de sensibilidade existencial. Sabemos muito bem que, desde a sua gênese, a teologia afro-americana é uma Teologia que se elabora a partir das realidades sociais, históricas, culturais e políticas em que vivem as comunidades negras. Nesta ótica, o Cântico dos Cânticos afro é a re-leitura da fonte original (1.5-6), aplicada à realidade afro-brasileira. Ele aponta para três caminhos no resgate da identidade negra.

a) Memória histórica: “Sou negra e sou da Núbia”. Aqui pegamos o caminho da história das origens. A história das comunidades afro a partir da Terra Mãe. A arqueologia moderna afirma que o vestígio arqueológico mais antigo é da África. Assim, a África até hoje é considerada o berço da



Culto - 2Sm 22.50 – Evita

humanidade. Para o historiador e arqueólogo senegalês, Cheik Anta Diop, a Núbia seria o lugar arqueológico da raça negra e da humanidade, antes da travessia do Delta de Gibraltar (Europa) ou da migração do povo negro para o sul antes da desertificação da Sahara (1500 a.C.) e da invasão árabe (norte) no século V da nossa era. O mesmo afirma que muitos faraós foram negros (1200 a.C). Fala também da anterioridade da filosofia e da ciência no Egito dos negros. Já o seu discípulo T. Obenga, assinala a afinidade cultural bantu com a do antigo Egito dos negros. A mesma coisa pode se dizer da influência do antigo Egito sobre o credo judeo-cristão. No mito egípcio, Rá cria o mundo a partir da palavra. Isso nos lembra Gn 1.12.4a. A palavra tem a mesma função na cultura africana que o *dabar* na cultura judaica. A sabedoria judaica recebeu uma forte influência da cultura egípcia (Pr 22.17-24.22: influência da sabedoria de Amenemnopê). O que queremos afirmar é que essa cultura egípcia tem muito a ver com a cultura negra bantu. A recuperação da memória histórica é importante na construção da identidade do um povo. No caso do povo negro, isto se torna urgente, uma vez que a sua história lhe foi sempre distorcida, escondida e negada ontem e hoje. Nas Américas, o povo negro tem direito a conhecer sua história de escravidão e libertação (seus heróis como Zumbi) para fazê-la motivo da sua luta de libertação.

b) Memória social: “Sou negra e linda”. “Sou negra e linda, ó ‘big’ loiras de Salvador” esse deve ser também o verso de auto-estima de cada negro e cada negra numa sociedade onde a integração econômica caminha lado a lado com o preconceito racial. A aceitação da condição existencial de ser negr@, isto é, “diferente” fisicamente é motivo de luta para a conquista de poder no mercado do trabalho e na política. A luta pela identidade negra é, também, uma luta política. O verso de reivindicação é esse: “Não reparem porque

sou morena". Alias, no jeito propriamente da negritude se diria: "não reparem porque sou pobre", mas vamos refletir a fundo e agir juntos. Denuncio que são "os filhos da Mãe-Terra, que se rebelaram contra mim, me escravizaram e me obrigaram a guardar os cafezais, e o meu cafezal, o meu, eu não o pude guardar". A análise da política internacional revela que a situação de pobreza dos africanos e afro-descendentes têm muito a ver com a dominação ocidental: a escravidão. Hoje, a escravidão se traduz em temas de discriminação e exclusão

social. É um racismo disfarçado e injustificável. A dívida que os europeus e os seus descendentes têm para com as comunidades negras é "uma dívida de sangue". @ negr@ nunca foi irresponsável na construção da sua história e da história planetária. O seu direito de trabalho sempre lhe foi negado; hoje este direito lhe é negado corrosivamente. Hoje é tempo das comunidades negras cuidarem das suas "vinhas": sua história que é a história de todos excluídos do planeta.

Hermenêutica Bíblica Negra (2ª parte)

Günther Padilha

1) Elementos da hermenêutica bíblica negra

Quando se faz referência à hermenêutica bíblica negra não se tem um método único e muito menos acabado, pois se trata de um processo onde a realidade negra vai iluminando a Bíblia e vice-versa, ou seja, se relativiza a Bíblia e a cultura. Assim, se mencionarão alguns elementos que podem ser considerados em uma leitura bíblica que respeite a pessoa negra em seu todo e não considere a Bíblia como única palavra de Deus.

Axé - Para fazer uma hermenêutica negra é necessário considerar a palavra axé, que significa princípio de vida ou energia vital. Tudo o que é criação divina possui axé, tem vida: os seres humanos, os animais, os vegetais e os minerais. Portanto, a tradição afro considera a criação como uma totalidade que possui vida, a qual provém de Deus pai-mãe. Neste sentido, a Bíblia para a gente negra deve ser um instrumento que proteja, mantenha e promova a vida, sendo assim, a vida é critério central para a interpretação dos textos bíblicos.

Vida comunitária - A Bíblia que tem como centro a vida. Ela é lida em conjunto na comunidade de forma atenta e capaz de perceber, ver, a presença de Deus na história do povo negro. Esta percepção da realidade

do povo negro exige aproximação, presença e estar vivendo comunitariamente com ele. Na vida comunitária é preciso exercitar o ouvido, escutar as experiências vividas nas comunidades, é passo difícil que se deve dar na elaboração de uma hermenêutica bíblica que respeite a história divina vivida com a gente negra. Como o pressuposto para a hermenêutica bíblica negra é a relativização do texto bíblico, é necessário conhecer a história do povo negro, seus mitos, costumes, e ver como isto contribui para dar esperança e força na sua luta por libertação.

Vida engajada na ação política - Para uma hermenêutica bíblica negra é relevante a percepção holística da realidade do povo negro, mas não se pode somente ficar nisto, é necessário dar um passo a mais e encarnar suas realidades. Isto significa que se deve reconhecer que Deus na encarnação em Jesus Cristo é um libertador dos oprimidos da opressão social. Nisto, consiste o colocar-se de Deus ao lado das pessoas oprimidas em suas lutas políticas. Portanto, o evangelho de Jesus Cristo é anúncio de liberdade e luta por libertação. Quando se possui esta convicção a hermenêutica bíblica negra exige um posicionamento político, pois assumir a leitura da Bíblia a partir desta perspectiva não pressupõe somente uma

questão de cor de pele, mas sim, assumir uma luta num processo de libertação que transforme radicalmente as estruturas sociais e os preconceitos da humanidade.

2) O específico da hermenêutica negra

A Hermenêutica Bíblica Negra busca resgatar no texto Bíblico aspectos libertadores idênticos a outras hermenêuticas como por exemplo: Hermenêutica Latino-americana, Hermenêutica Feminista e Hermenêutica Indígena. Porém, a Hermenêutica Bíblica Negra tem seu específico em buscar nesta história salvífica de Deus aspectos que o identifiquem com a história do povo negro a partir de três conceitos básicos: Negritude, situação geográfica e desconstrução de interpretações racistas.



Crucificação - "Descent" – Tim Askar

Negritude - Negritude se entende como sendo a condição das pessoas de raça negra, ou seja, qualquer pessoa que dentro de sua árvore genealógica possui antecedentes oriundos da raça negra, adicionados ao conjuntos dos valores culturais e espirituais do mundo negro. Esta condição não está unicamente ligada à cor de pele, mas num assumir a negritude e lutar para que ela seja respeitada. Portanto, será importante para a Hermenêutica Bíblica Negra analisar qual é a origem das pessoas que estão protagonizando a perícopo bíblica. Isto, para averiguar se elas possuem algum antecedente de origem negra. Por exemplo, se observamos a genealogia de Davi, ele é bisneto da moabita Rute (Rt 4.17-22). Moabe é hoje região da Arábia, onde as pessoas são de cultura e pele negra.

Seguindo este raciocínio, podemos descobrir a negritude de várias pessoas protagonistas da história salvífica de Deus, inclusive a de Jesus e, porque não dizer a de Deus.

Situação geográfica - Atentar para a situação geográfica significa descobrir onde foi escrito o texto, isto é, onde se desenrola a passagem Bíblica e quais são as características culturais desta região, ou seja, descobrir o *Sitz in Leben* negro. Importante para esta análise são os textos bíblicos que relatam a participação de povos negros. Neste caso o êxodo é fundamental para o resgate da identidade negra e de sua ativa participação no evento da libertação da escravidão e caminhada do Povo de Deus à terra que mana leite e mel (Ex 3), onde Jetro de origem midianita, região negra, dá conselhos estratégicos para Moisés referente a caminhada no deserto (Ex 2.15-21; 4.25; 18.2ss).

Desconstruir interpretações racistas - Identificar nas

interpretações anteriores sinais de racismo ou tentativas de ocultar a negritude do texto que causavam uma des-identificação do texto com a realidade do povo negro e justificavam o racismo e a escravidão dele. A partir disto, resgatar a posição de Deus a favor das pessoas discriminadas e oprimidas na sua luta por libertação. Por exemplo, Cantares 1.5 foi traduzido com preconceito racista. Várias traduções modernas como a Bíblia Jerusalém, a Bíblia Almeida e a Bíblia linguagem de Hoje traduzem como “Sou morena, porém bela”, “Eu estou morena, porém formosa”, contudo no texto hebraico consta “sou negra e formosa”. Aqui temos uma negra protagonizando uma história bíblica, ela é uma sulamita da cidade de Sulam, aldeia de Nazaré. Existem outros textos que precisam de uma urgente desconstrução já que foram usados para justificar biblicamente o racismo, Gn 4.15; 9.18-27, Nm 12.1 entre outros.

3) *Exercício de hermenêutica negra: Nm 12.1-13*

Neste exercício se buscará através da leitura e interpretação do texto de Números 12.1-13 por em prática os elementos e pressupostos da Hermenêutica Bíblica Negra acima apresentados.

Deconstrução de interpretação racista - A desconstrução de interpretação racista consiste em mostrar como o texto foi usado com preconceito racial e para justificação da escravidão. No Brasil, o Padre Vieira, relaciona os negros com os etíopes. Por sua vez, as pessoas negras são relacionadas com a idéia de relaxamento moral, falta de seriedade, ociosidade, falta de serenidade. Isto tudo estaria na Bíblia, onde se lê que Miriã e Arão se voltaram contra Moisés por causa de sua esposa etíope (Nm. 12.1). A escravidão e o batismo de ferro em brasa que marcava no peito uma cruz, eram considerados por Vieira, as formas de saírem desta condição de pecado e serem salvos.

Resgate da mensagem original do texto - A perícopo analisada pertence à fonte

Javista ou Eloísta que datam do século IX ou X a.C. Nesta época ainda não existia o preconceito de Israel contra outros povos. A legislação rígida sobre matrimônio com pessoas estrangeiras é tardia, somente aparece em Neemias, após o exílio babilônico. Muito menos existe o preconceito racista nessa sociedade onde todas as pessoas são de pele negra. Isso só ocorre no ocidente com o domínio grego e romano. Portanto, com estes elementos em mão, podemos afirmar que a revolta de Miriã e Arão não se deu razão desses motivos discriminatórios, já que os mesmos são mencionados somente em um versículo e imediatamente desaparecem do cenário, dando lugar à questão do poder (Nm 12.2ss) que passa a ser o ponto central colocado na boca do próprio Javé que defende Moisés e castiga a profetisa Miriã. Poderíamos suspeitar que a questão do casamento de Moisés com a cuchita, anônima, era só uma forma de introduzir a problemática do poder e de forma alguma continha preconceito racial.

Resgate da Negritude dos e das personagens e do local geográfico do texto - A esposa de Moisés é cuchita, proveniente da região de Cuch. O termo Cuch é de origem egípcia usado para designar países situados ao sul do Egito e acessíveis pela navegação. Navegando pelo Nilo é o Sudão atual, que os antigos chamavam de Etiópia. Mas navegando pelo Mar Vermelho, seria a Eritrêia ou o Iêmen. Por outro lado, Moisés, Miriã e Arão eram egípcios, portanto tinham contato direto com a cultura africana, ou seja, eram negros. Eram pessoas que ocupavam cargos de liderança no povo de Israel: sumo-sacerdote, profeta e sacerdote, respectivamente. Também importante ressaltar que Miriã, como mulher, tem participação ativa na perícopo e parece exercer influência determinante sobre o povo exílico. Pois, o povo fica esperando ela voltar para o acampamento e somente depois segue viagem (Nm 12.16). Resgatar a origem negra dos personagens e da região do texto bíblico permite denunciar

o racismo e derrubar qualquer pretensão de usá-lo como texto opressor. Assim, demonstra-se que o texto possui um caráter altamente libertador e anuncia a esperança num Deus que está do lado das pessoas discriminadas. Além de resgatar a negritude das pessoas que protagonizam esta perícopie, é importante assinalar que este fato ocorre no deserto de Sim, em Hazerote que atualmente faz parte do Egito, ou seja, é região de cultura africana e negra. Na medida que vamos utilizando a Hermenêutica Bíblica Negra, se descobre que grande parte da Bíblia tem suas raízes nas regiões de cultura negra. E isso também deve ser anunciado como declaração de esperança, tal como nos diz a poeta:

*Como fumaça que se vai
como a cera que se derrete no fogo
assim desaparecerão racismo e opressão
diante do semblante de Deus.*

*Criaturas oprimidas e massacradas
serão libertas
e na sua presença
elas jubilarão e gritarão de alegria.*

(Zephania Dammata)

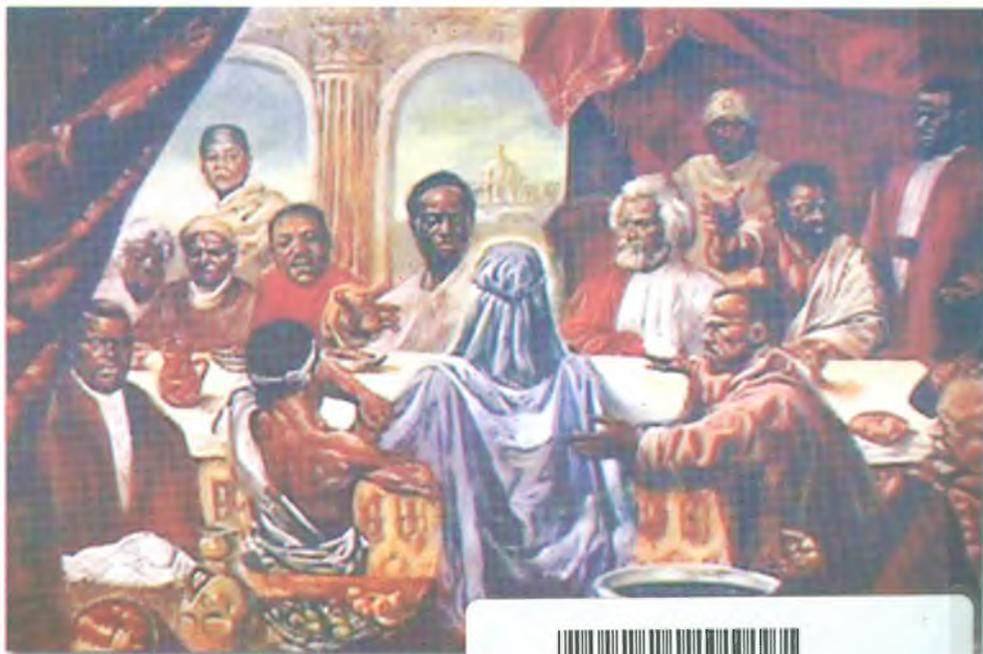
Você sabia?

Você sabia que a IECLB emitiu uma declaração condenando toda e qualquer forma de discriminação racial? Para lê-la basta acessar o seguinte endereço eletrônico:

<http://planeta.terra.com.br/servicos/jackieo/simposio/>

Selecione TEXTOS PARA REFLEXÃO, texto *Deus não é racista*.

O GT *Negros: história, cultura e sociedade* da ANPUH/RS estará promovendo um *Seminário interno de estudos dirigidos* no dia 12 de maio de 2001, na Escola Superior de Teologia, iniciando às 15 horas e será aberto ao público interessado. Para maiores informações telefone para 51 590.1455, ramal 241.



Ceia - "Last Supper", Cornell Barnes

